

Jovens querem eleições gerais-88

CECÍLIA THOMPSON E ASSIS ANGELO

Paula, Marcelo, Alexandre, João, Gustavo, Eduardo, Sheila, Tosca, Dionísio, Leandro, Aginaldo. São jovens estudantes, muito diferentes uns dos outros, mas iguais em uma coisa: todos querem as diretas-já. Eleições gerais em 88, embora não tenham candidato definido. Meninos e meninas de 15 a 20 anos. Estudam e

trabalham. Estão radiantes com a possibilidade de votar. Alguns militam desde a adolescência, vêm de famílias com tradição política. Outros somente agora começam a se interessar pelo assunto. Acompanham o noticiário com um interesse que vai do apaixonado ao "mais ou menos". Em geral, não confiam nos partidos e nos atuais políticos. Querem gente nova, em quem possam

acreditar. Representantes que tenham as mesmas idéias que eles, "não por demagogia, para ganhar votos, mas por convicção". Sete são a favor do parlamentarismo, quatro ainda ficam com o presidencialismo. A maioria quer a estatização das empresas, três são pela privatização das estatais. Gostam de música, fazem esporte. Seus ídolos vão de Lenin e Stalin a Leonardo da Vinci e Sócrates

(o filósofo). Ou músicos como Chico Buarque, Geraldo Vandré, Elis, Simon Le Bon, Gary Holt. Entre os políticos dois nomes foram lembrados: Mário Covas e Antônio Ermírio. Muitos citaram "meu pai" ou "minha mãe". Um deles acrescentou: "Além de mim próprio". Outro pôs "acima de tudo, Jesus Cristo". E duas palavras foram ditas mais de cem vezes: mudanças e esperança

"Constituinte é de políticos para políticos"

"O alistamento eleitoral e o voto são obrigatórios para os maiores de 18 anos e facultativos para os analfabetos, os maiores de 70 anos e os menores de 16 anos." Este é o parágrafo 1º do Art. 15, do Capítulo IV (dos Direitos Políticos) da nova Carta em elaboração, aprovado quarta-feira no plenário da Constituinte pela maioria de 355 votos. Perguntamos: vocês gostaram dessa decisão da Assembleia Nacional Constituinte? Estão entusiasmados, satisfeitos, animados com a possibilidade de poderem votar já nas próximas eleições, este ano talvez?

Aginaldo — Sim, estou animado. Essa é a grande oportunidade para a juventude participar mais ativamente da vida política nacional. Há muito o que fazer. Sabemos que a nossa responsabilidade é grande. A juventude anseia por mudanças. Sabemos que a maioria dos políticos em atividade não corresponde às nossas ansiedades. Com o voto, agora, para maiores de 16 anos, mudanças significativas deverão ocorrer.

Essa decisão, enfão, chegou em boa hora. Numa hora em que o País vive grandes dificuldades nas áreas política e econômica, principalmente.

Aginaldo — Sim. E essa decisão é uma vitória do movimento estudantil. A luta foi grande, mas vitoriosa. Estamos satisfeitos, sim.

Leandro — Eu gostaria de fazer um contraponto. Pessoalmente, acredito que essa decisão da Constituinte foi muito precipitada. Do mesmo modo que a maioria dos brasileiros não tem ainda maturidade política suficiente para fazer um voto consciente, bom, menos ainda o pessoal de 16 anos. Isso, ainda, sem contar que a educação brasileira hoje é muito falha. Sim, achei a decisão da Constituinte precipitada.

Como ampliar a consciência da juventude? Isso cabe só ao tempo?

Leandro — Deveríamos fazer como fizeram alguns países europeus na época da Reforma. A primeira coisa que eles fizeram foi cuidar da educação. Não uma educação autoritária, mas uma educação que respeitava a inteligência e a dignidade das pessoas. Foi um bom início, sem dúvida. A decisão da Constituinte foi precipitada, repito. Com isso, os políticos conseguiram ampliar o seu universo de votos de pessoas com pouca consciência política. Isso é um jogo. Houve manipulação na Constituinte.

Isso parece vir a somar-se ao descrédito da população em relação aos políticos hoje em atividade.

Leandro — Acho. Politicamente a mentalidade do brasileiro médio é sofrível. E isso se pode constatar facilmente numa conversa qualquer. O brasileiro reclama muito dos políticos, mas se ganhar um cargo eletivo agora ele fará amanhã o mesmo que a classe política faz hoje. Ou seja: também se lucropetará. O pobre e o rico, nesse caso, parecem ter a mesma mentalidade.

E o que fazer?

Tosca — Acabo de completar 16 anos. Não sei se vou votar, pois não confio nos políticos velhos. Eles só prometem e nada cumprem. Eu votaria em alguém de 18, 19 anos. Não acredito que os políticos mais velhos entendam as nossas aspirações. Também não estou acreditando muito nessa Constituinte. Essa constituinte aí está sendo feita por políticos para políticos. Os políticos pensam muito em si próprios. Lamentável.

Alexandre — Eu achei hiperválido a Constituinte ter aprovado o voto aos 16 anos, embora saiba, como Leandro, tratar-se de uma "jogada política". Mas é errado que se aprende. É sabido que o País não está numa situação boa, por isso mesmo muitas coisas precisam ser feitas para que se mude a atual situação, não é? Nós, jovens, temos muita esperança e, ao contrário dos velhos, não estamos desiludidos, entendem?

Paula — O direito de voto aos 16 anos nos deixou muito contente. Se a gente rever um pouco a história das civilizações vai perceber que existe incutido na juventude um espírito de mudança muito grande e esse espírito está presente no processo histórico que renova a sociedade. Lembremos de Spartacus, que foi contra todo o império. Aquele levante foi liderado por jovens; hoje, na Palestina, as crianças, a partir dos seis anos, já falam contra o sionismo; na África do Sul, a grande maioria que luta contra o apartheid também é de jovens. E na Nicarágua? São os jovens que estão à frente da luta para garantir a soberania do país. No Brasil, o exemplo mais recente que podemos citar é a campanha pelas diretas: foram os jovens que lideraram essa campanha. Não podemos esquecer que cerca de 65% da população brasileira tem menos de 25 anos de idade. Quero dizer que o espírito de mudança, o espírito de renovação vai crescer mais com a conquista, agora, do voto aos 16 anos. Sim, a gente está querendo provocar mudanças na sociedade. Cerca de oito milhões de jovens brasileiros têm hoje 16 anos de idade. Quer dizer, é gente pra caramba forçando mudanças no País.

Você acha que os jovens hoje

em geral, sabem disso tudo que você acaba de dizer?

Paula — Talvez não saibam, mas acho que num processo mais rápido de educação todos logo poderão saber. Tem mais uma coisa: quem é que normalmente faz boca de urna, por exemplo? São os jovens! A juventude está muito presente na vida nacional. O voto aos 16 anos, além de responsabilidade, nos dá maior oportunidade de trabalhar pelo Brasil.

Leandro — A visão que a maioria das pessoas tem da história é muito ingênua. A juventude nazista, por exemplo, tinha seus ideais, que Hitler, aliás, muito bem soube manipular. Eu sou protestante e acredito que as mudanças na história acontecem com a mudança de mentalidade de cada pessoa, de cada um de nós, e não de um governo; nunca existiu governo jovem. Pessoas velhas e calejadas mudaram os rumos da história. Charles Dickens conseguiu a humanização do sistema carcerário e outras coisas — era um velho; Lutero Calvino e outros

em geral, sabem disso tudo que você acaba de dizer?

Paula — Talvez não saibam, mas acho que num processo mais rápido de educação todos logo poderão saber. Tem mais uma coisa: quem é que normalmente faz boca de urna, por exemplo? São os jovens! A juventude está muito presente na vida nacional. O voto aos 16 anos, além de responsabilidade, nos dá maior oportunidade de trabalhar pelo Brasil.

Leandro — A visão que a maioria das pessoas tem da história é muito ingênua. A juventude nazista, por exemplo, tinha seus ideais, que Hitler, aliás, muito bem soube manipular. Eu sou protestante e acredito que as mudanças na história acontecem com a mudança de mentalidade de cada pessoa, de cada um de nós, e não de um governo; nunca existiu governo jovem. Pessoas velhas e calejadas mudaram os rumos da história. Charles Dickens conseguiu a humanização do sistema carcerário e outras coisas — era um velho; Lutero Calvino e outros

Como ampliar a consciência da juventude? Isso cabe só ao tempo?

Leandro — Deveríamos fazer como fizeram alguns países europeus na época da Reforma. A primeira coisa que eles fizeram foi cuidar da educação. Não uma educação autoritária, mas uma educação que respeitava a inteligência e a dignidade das pessoas. Foi um bom início, sem dúvida. A decisão da Constituinte foi precipitada, repito. Com isso, os políticos conseguiram ampliar o seu universo de votos de pessoas com pouca consciência política. Isso é um jogo. Houve manipulação na Constituinte.

Isso parece vir a somar-se ao descrédito da população em relação aos políticos hoje em atividade.

Leandro — Acho. Politicamente a mentalidade do brasileiro médio é sofrível. E isso se pode constatar facilmente numa conversa qualquer. O brasileiro reclama muito dos políticos, mas se ganhar um cargo eletivo agora ele fará amanhã o mesmo que a classe política faz hoje. Ou seja: também se lucropetará. O pobre e o rico, nesse caso, parecem ter a mesma mentalidade.

E o que fazer?

Tosca — Acabo de completar 16 anos. Não sei se vou votar, pois não confio nos políticos velhos. Eles só prometem e nada cumprem. Eu votaria em alguém de 18, 19 anos. Não acredito que os políticos mais velhos entendam as nossas aspirações. Também não estou acreditando muito nessa Constituinte. Essa constituinte aí está sendo feita por políticos para políticos. Os políticos pensam muito em si próprios. Lamentável.

Alexandre — Eu achei hiperválido a Constituinte ter aprovado o voto aos 16 anos, embora saiba, como Leandro, tratar-se de uma "jogada política". Mas é errado que se aprende. É sabido que o País não está numa situação boa, por isso mesmo muitas coisas precisam ser feitas para que se mude a atual situação, não é? Nós, jovens, temos muita esperança e, ao contrário dos velhos, não estamos desiludidos, entendem?

Paula — O direito de voto aos 16 anos nos deixou muito contente. Se a gente rever um pouco a história das civilizações vai perceber que existe incutido na juventude um espírito de mudança muito grande e esse espírito está presente no processo histórico que renova a sociedade. Lembremos de Spartacus, que foi contra todo o império. Aquele levante foi liderado por jovens; hoje, na Palestina, as crianças, a partir dos seis anos, já falam contra o sionismo; na África do Sul, a grande maioria que luta contra o apartheid também é de jovens. E na Nicarágua? São os jovens que estão à frente da luta para garantir a soberania do país. No Brasil, o exemplo mais recente que podemos citar é a campanha pelas diretas: foram os jovens que lideraram essa campanha. Não podemos esquecer que cerca de 65% da população brasileira tem menos de 25 anos de idade. Quero dizer que o espírito de mudança, o espírito de renovação vai crescer mais com a conquista, agora, do voto aos 16 anos. Sim, a gente está querendo provocar mudanças na sociedade. Cerca de oito milhões de jovens brasileiros têm hoje 16 anos de idade. Quer dizer, é gente pra caramba forçando mudanças no País.

Você acha que os jovens hoje



Paula Palamartchuk, 18 anos



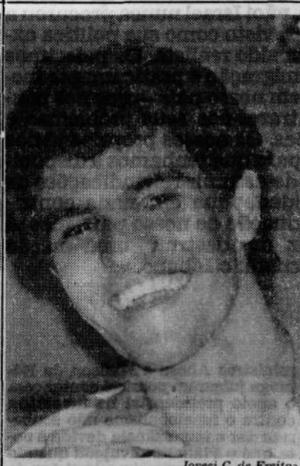
Alexandre Queiroz, 17 anos



Aginaldo Zordanoni, 17 anos



Marcelo do Amaral



Leandro Dutra, 16 anos



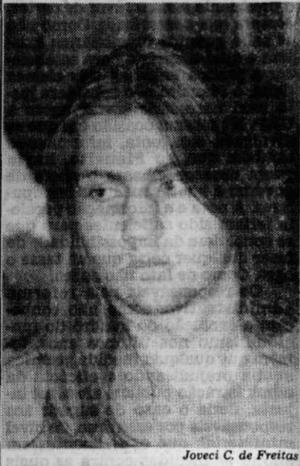
Tosca Thomaz, 16 anos



Dionísio da Costa, 16 anos



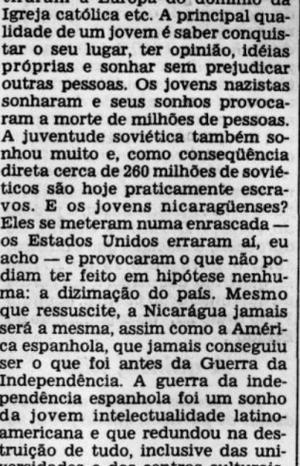
Sheila Magri, 16 anos



Eduardo Neumann, 16 anos



Gustavo Elchenberger, 16 anos



João Leme, 15 anos

Zaneti, 43, condena a herança adulta

O Brasil precisa estar na vanguarda, antecipar-se aos acontecimentos. A tese é uma das justificativas do deputado Hermes Zaneti, o autor da emenda que dá o direito do voto aos jovens com 16 anos. É uma proposta relativamente inovadora — atualmente, poucos países admitem o dispositivo, como a Nicarágua e Guiné Bissau, além de algumas províncias da Argentina.

Gaucho, 43 anos, o professor e constituinte Hermes Zaneti tem outros argumentos para fundamentar sua emenda. "Estou convencido que os adultos criaram uma sociedade insustentável e estão passando aos jovens uma herança de morte, negatividade", diz ele, lembrando que vem lutando pelo direito do voto aos 16 anos desde abril de 1985, quando apresentou proposta de emenda à

atual Constituição. "Eu queria que a juventude já tivesse eleito os deputados e senadores que iriam elaborar a nova Carta, para que ela tivesse um perfil mais avançado".

Os jovens, para Zaneti, são líricos e vivem de ideologias. Buscam as soluções para todos os problemas através do questionamento. Por isso, serão atraídos pelo partido que apresentar a mensagem mais sadia, mais pura. Não votarão em candidatos que lhes oferecerem algo em troca, já que estão interessados principalmente em ter uma expectativa global de vida melhor.

A partir de sua experiência profissional, Zaneti acha que os educadores devem tratar de política com seus alunos. Assim, o voto facultativo é uma atitude pedagógica e um estímulo aos estudantes, que passa-

ção a encarar-lo como um direito e não obrigação.

Sua próxima luta já está definida: reengajar a escola no processo político. Para isso, será necessário fazer um trabalho intenso com os grêmios estudantis, além de montar um setor jovem de seu partido, o PMDB, em cada cidade. Motivação, ele tem certeza que existe entre os jovens.

No dia seguinte à aprovação da emenda Zaneti, centenas de jovens com idade entre 16 e 18 anos telefonaram para o Tribunal Superior Eleitoral, em busca de informações. O TSE não sabe ainda exatamente quantos são os novos eleitores, supondo apenas que o número esteja entre seis e oito milhões. Como o prazo de cadastramento eleitoral termina em 6 de agosto, será necessário

que a Constituinte conclua seus trabalhos no máximo em junho, para que haja tempo hábil para emissão dos novos títulos.

Alheios aos entraves burocráticos, os líderes partidários já começam a se mobilizar. A idéia básica da maioria deles é investir nos alunos do segundo grau. O líder do PTB, Gastone Righi, garante que tem em seus quadros a melhor estrutura de arrematamento de jovens. José Genoíno, vice-líder do PT, tem certeza que os novos eleitores serão basicamente petistas. A emenda Zaneti só não foi bem recebida por José Lourenço, do PFL, e Amaral Neto, do PDS. Eles acham que a aprovação da proposta foi "uma loucura, já que criança deve estudar e se preparar para votar".

Brasília/Agência Estado

las. O problema é que hoje os políticos, de modo geral, estão mais comprometidos e consigo próprios. Não dá para acreditar neles.

Alexandre — Eu acredito no surgimento de uma nova geração de políticos, a partir de agora com a ampliação do universo do eleitorado.

Dionísio — Pessoalmente, eu acredito muito nessa Constituição que está sendo elaborada em Brasília. Tenho certeza de que muita coisa vai mudar. Tenho a impressão, inclusive, que a mentalidade do povo brasileiro está mudando. Aliás, não dá pra deixar de entender que o nosso País está precisando de grandes mudanças. Sem mudanças, não dá pra viver mais aqui. Sarney, Ulysses e outros deveriam estar há muito tempo longe da política.

Leandro — A nossa população é ignorante, mas não é burra. É inevitável que algo aconteça, pelo menos nos moldes da Revolução Francesa. Na verdade, acho que muita coisa hoje gira em torno de chavões: não pagamento da dívida externa, Constituição, mudar o novo etc. As pessoas falam muito em "novo", só que o "novo" nem sempre é o bom. Nenhuma opinião realmente equilibrada pode vir de chavões. É preciso que se entenda isto.

Tosca — Então você acha que o presente é bom?

Leandro — Claro que não, mas acho que é preciso antes de tudo saber onde inovar. O novo pelo novo não diz nada e nada resolve.

Se o País está ruim, deve haver culpados pela situação. Na opinião de vocês, quem são os culpados?

Dionísio — Jânio Quadros, uma pessoa que não sabe o que faz, (muita gente falando ao mesmo tempo): Maluf, Delfim...

Leandro — Penso que uma mudança hoje, um confronto entre nós e as nossas dificuldades seria um risco muito grande e poderia até nos levar a coisa do tipo "governo autoritário". Há muita gente que ainda acredita no autoritarismo como solução de problemas.

Paula — O que você defende, enfim?

Leandro — eu sou cristão. Antes de tudo, acredito no Homem. Acho, também, que a revolução começa dentro de cada um de nós.

Paula — em parte, concordo. As mudanças não vão adiante sem um senso coletivo, sem um veículo, é o que tenho a acrescentar.

Indiretamente você estaria se referindo a grupos de pessoas, a partidos políticos?

Paula — Sim, acho que sim.

Não seria isso um contra-senso, uma vez que se renega os políticos e se passa a acreditar na atuação de partidos?

Dionísio — Uma boa parte dos políticos do PMDB é corrupta. Desonestos, eu sei, há em todos os partidos.

Sheila — Concordo com Dionísio.

João — acho certo se criar novos partidos. Também tenho esperança no surgimento de uma nova geração de políticos. Esse espaço, é claro, vai ser conquistado pelos jovens. O direito de voto aos 16 anos pode ser o começo de uma grande transformação em nosso país.

O futuro aos jovens pertence, não é?

Paula — Não só o futuro, o presente também. Principalmente o presente. A organização partidária é o que há de mais avançado no mundo, portanto acho importante a existência de partidos políticos: são eles os veículos das nossas idéias.

Alexandre — Sou a favor de que se acabem os partidos políticos, pois eles surgiram de cima para baixo. Isso não é certo.

Você está defendendo uma tese, em princípio, anárquica.

Alexandre — Não. Não é bem isso.

João — Os políticos são incrivelmente espertos. Os políticos são sempre os mesmos, os partidos é que geralmente são outros. É a velha história: "Mudam-se os partidos e os políticos permanecem os mesmos", não é?

Uma questão polêmica prestes a ser definida na Constituinte: parlamentarismo ou presidencialismo?

Marcelo — O sistema que a gente defende é o parlamentar, porque esse sistema possibilita uma maior divisão de poderes.

Alexandre — Sou pelo sistema socialista.

Sheila — E eu pelo presidencialismo.

E sobre o mandato de Sarney? (Todos): quatro anos e eleições diretas já!

Vocês têm candidatos à sucessão de José Sarney?

(Todos), à exceção de Dionísio: Não (mas acreditam que logo terão).

Marcelo — E viva o voto aos 16 anos!